



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

PERMANÊNCIA ESCOLAR E A TRAJETÓRIA DE JOVENS DE ESCOLA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

PERMANENCIA ESCOLAR Y LA TRAYECTORIA DE LOS JÓVENES EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS DE RÍO DE JANEIRO

STUDENT RETENTION AND THE TRAJECTORY OF YOUNG PEOPLE IN PUBLIC SCHOOLS IN RIO DE JANEIRO

Bruna Faria Simões
Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.
Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde
bfsimoes13@gmail.com

Sônia Cristina Soares Dias Vermelho
Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ.
Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde
cristina.vermelho@gmail.com

Resumo: As taxas de abandono escolar no Brasil são altas e ocorrem em sua maioria na escola pública e com jovens em condições de vulnerabilidade. Face a maioria das pesquisas observarem o fenômeno pela ótica da evasão, o objetivo deste trabalho foi analisar pelo da permanência. A pesquisa foi feita em uma escola pública de Ensino Médio da região metropolitana do Rio de Janeiro, foi aplicado um questionário estruturado aos alunos de Ensino Médio, contendo perguntas acerca da trajetória e permanência escolar. Ao todo, 115 alunos responderam o questionário. Os resultados indicaram que a perspectiva de futuro apareceu como principal motivo da permanência escolar, e que a escola é importante para vida, mostrando que a permanência está atrelada a um futuro melhor, relacionado a um trabalho e à garantia de ganho financeiro para melhoria de vida, aspectos que cercam a vida da população mais pobre. A permanência, portanto, indica uma forte relação com o desejo de sair do ciclo ligado a condição de vulnerabilidade, pois apesar do desestímulo pelas dificuldades em aprender, permanecem, pois, têm a esperança de que estudar lhes garantirá um futuro e uma vida melhor.

Palavras-chave: Permanência escolar. Ensino Médio. Escola Pública

Abstract: School dropout rates in Brazil are high and occur mostly in public schools and with young people in vulnerable conditions. Given that most researches observe the phenomenon from the point of view of dropout, the objective of this work was to analyze the student retention point of view. The research was carried out in a public high school in the metropolitan region of Rio de Janeiro, a questionnaire was applied to high school students with questions about student retention. In all 115 students answered the questionnaire. The results indicated that the perspective of the future



appeared as the main reason for staying at school, and that school is important for life, showing that staying is linked to a better future, related to a job and the guarantee of financial gain to improve life, aspects that surround the life of the poorest population. Student retention, therefore, indicates a strong relationship with the desire to leave the cycle associated to the condition of vulnerability, because despite being discouraged by the difficulties in learning, they remain, because they have the hope that studying will guarantee them a future and a better life.

Keywords: Student retention. High school. Public school

Resumen: Las tasas de deserción escolar en Brasil son altas y ocurren mayoritariamente en escuelas públicas y con jóvenes en situación de vulnerabilidad social. Dado que la mayoría de las investigaciones observan el fenómeno desde el punto de vista de la deserción, el objetivo de este trabajo fue analizar el punto de vista de la permanencia. La investigación se llevó a cabo en una escuela secundaria pública de la región metropolitana de Río de Janeiro, se aplicó un cuestionario a estudiantes, que contiene preguntas sobre la permanencia escolar. En total 115 estudiantes respondieron el cuestionario. Los resultados indicaron que la perspectiva de futuro apareció como el principal motivo de permanencia en la escuela, y que la escuela es importante para la vida, demostrando que la permanencia está ligada a un futuro mejor, relacionado con el trabajo y la garantía de ganancia económica para mejorar la vida, aspectos que rodean la vida de la población más pobre. La permanencia, por lo tanto, indica una fuerte relación con el deseo de salir del ciclo ligado a la condición de vulnerabilidad, pues a pesar de estar desanimados por las dificultades en el aprendizaje, permanecen, porque tienen la esperanza de que el estudio les garantizará un futuro y una vida mejor. la vida.

Palabras clave: Permanencia escolar. Educación secundaria. Educación pública

Introdução

Os dados sobre Ensino Médio no Brasil nos revelam um cenário complicado que merece ser estudado. A taxa de escolarização entre jovens brasileiros de 15 a 17 anos é de 87,9%, sendo menor que a taxa de escolarização da população 6 a 14 anos, que é de 99,2% (IBGE, 2020). Apesar do número de matrículas, apenas 69,3% se encontram no ano que deveria estar estudando em relação a sua idade, fenômeno denominado “distorção idade-série” ou “defasagem idade/ano” (IBGE, 2020).

Nesse sentido, quando se analisa os dados desse Censo, percebe-se que a evasão ocorre em sua maioria na escola pública e é proporcionalmente maior em relação à menor renda. As maiores taxas de analfabetismo, educação básica incompleta e desocupação, encontravam-se nos dois primeiros quintis de renda (IBGE, 2020).

Ao fazer um recorte para a cidade do Rio de Janeiro, observa-se que o público que frequenta a escola pública, na sua maioria, encontra-se no nível socioeconômico IV, cuja renda varia de 1,5 a 5 salários-mínimos (INEP, 2020a). Com isso, é legítimo entender que o público que estamos trabalhando é de jovens que pertencem a famílias que possuem uma situação econômica baixa e média-baixa, e esta situação socioeconômica reflete em suas vidas e também nas suas trajetórias escolares. Sabe-se que esses fatores são determinantes sociais importantes para definir ou motivar sobre a permanência ou não na escola. Isto



posto, empreendemos uma investigação para buscar compreender, no contexto de uma escola pública na região metropolitana do Rio de Janeiro, as motivações que envolvem a permanência desses jovens na escola.

Ao pensar na juventude, é possível perceber que diversos fatores perpassam a realidade dos jovens. Neste trabalho, adotamos como referência teórica a discussão de Dayrell (2007), condição juvenil, a qual considera diversos aspectos da vida jovem, para além de definições únicas. Segundo esse autor, não se pode entender juventude como algo natural ou biológico, mas também como uma questão de classe, de identidade ou geracional, é formada por aquilo com o qual aquele sujeito convive, vê, escuta e reproduz. Dayrell (2007) afirma que o lugar em que se vive é algo muito importante a se considerar quando se analisa os jovens, pois são aspectos que podem determinar em parte, os limites e as possibilidades com os quais esses constroem sua “condição juvenil”. Ao pensar no jovem morador de periferia e de baixa condição social, o autor afirma que estes vêm de uma condição que geralmente é dura e difícil, enfrentando diversos desafios ao longo da vida, como falta de acesso aos bens simbólicos e materiais, violência, falta de saneamento básico e outros.

Ao assumirmos o conceito de “condição juvenil”, voltamos nossa investigação para diversos aspectos que envolvem a vida deste sujeito, o trabalho é uma destas dimensões. O trabalho é uma condição que alguns jovens experimentam desde a infância, principalmente aqueles oriundos da parcela da sociedade pertencente aos dois primeiros quintis mais baixos em termos socioeconômicos da população brasileira, sendo que nessas faixas o número de jovens nessa idade que trabalham é maior, ocupando geralmente empregos informais, sem carteira assinada (SPOSITO, 2018).

Em 2014, segundo dados da PNAD (INEP, 2015), 16,4% dos jovens dessa faixa etária conciliavam estudo e trabalho, e outros 5,7% dedicavam-se apenas às atividades laborais. Dayrell (2007) lembra que o trabalho está na vida destes jovens desde muito cedo e para eles este fato não possui conotação negativa, alguns só conseguem vivenciar as experiências juvenis justamente porque trabalham para garantir o mínimo de recurso para o consumo.

Outro fator crítico que envolve a “condição juvenil” é o fato de que os jovens de baixa renda, que moram em bairros pobres e periféricos, também sofrem com a falta de estrutura e urbanização, com o pouco acesso a recursos culturais, creches, unidades de saúde, coleta de lixo etc. Figueiredo (2016) lista alguns fatores que afetam a vida de moradores desses bairros na cidade do Rio de Janeiro e que podem colocá-los num quadro de



vulnerabilidade social: a alta taxa de desemprego, grande número de trabalhadores sem carteira de previdência, mercado informal ou desempregados e o baixo valor dos salários; precariedade das instalações escolares, insuficiência e precariedade das creches e jardins de infância; dificuldade de acesso ao sistema público de saúde; a gravidez na adolescência; falta de saneamento; alta prevalência de doenças infecto-contagiosas, infecto-parasitárias e infecto-virais; as precárias condições de higiene; a violência familiar; negligência e abandono de crianças e jovens; grande número de pessoas com transtornos psicológicos e emocionais causados pelas precárias condições de vida; condições de habitação precárias; e também a violência e o tráfico.

Assim como aborda Figueiredo (2016), também vemos a necessidade de citar umas das dimensões que se insere na condição juvenil destes jovens que é a violência. Nas favelas do Rio de Janeiro, o jovem negro tem três vezes mais chance de ser morto pela polícia (CIMERI & BORGES, 2021), e, de acordo com os dados da SEEDUC (2020), a maioria dos estudantes de escola pública é negra. Além disso, a maior parte desses homicídios ocorre nos bairros pobres do subúrbio, poucos ocorrem nos bairros nobres da Zona Sul e região da Barra da Tijuca (SIMÕES, 2021).

A condição juvenil pode refletir na trajetória escolar, quando se analisa os motivos para o abandono percebe-se uma diversidade de fatores internos ligado a questões pessoais e outros externos ligados à escola e à comunidade. Entre alguns fatores citados encontram-se: falta de interesse (IBGE, 2020; DAYRELL & JESUS, 2016; ABRAMOVAY, 2015); escola distante da residência (FRAGA, 2020; RAJEWSKI, 2016, IBGE, 2020); trabalho (FRAGA, 2020; RAJEWSKI, 2016; IBGE, 2020; ABRAMOVAY, 2015); gravidez (IBGE, 2020; RAJEWSKI, 2016; ABRAMOVAY, 2015); baixa renda (RODRIGUES, 2020; RAJEWSKI, 2016; DAYRELL & JESUS, 2016); problemas de saúde (IBGE, 2020; ABRAMOVAY, 2015); violência (LENSKIJ, 2006; RAJEWSKI, 2016); ABRAMOVAY, 2015); problemas familiares (RAJEWSKI, 2016); dificuldade nos conteúdos (RAJEWSKI, 2016; COELHO, 2014); mudança de bairro (ABRAMOVAY, 2015); problemas na escola (ABRAMOVAY, 2015).

Apesar desses fatores, Dayrell (2007) também argumenta que não podemos esquecer que esses jovens que vivem em bairros pobres também vão apreciar, vão amar, produzir e se formar, independentemente de que a sociedade pense diferente e o identifique somente como uma vítima/autor da violência. O autor também lembra que

(...) para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional de residência, mas surge como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos. (DAYRELL, 2007, p. 1112).



Tomasi (2013) e Tomasi e Velazco (2016) também se incomodam com a binaridade das avaliações sobre jovens e argumenta de como os jovens moradores de bairros pobres são vistos de forma negativa e pejorativa a partir de processos históricos de exclusão, de preconceito e negligência da sociedade. E é pensando nessas outras dimensões da vida desse jovem, que não seja só a violência, que este trabalho se insere. Não pretendemos pensar a questão educacional do jovem dos bairros pobres e periféricos pelo olhar da evasão, mas sim pelos aspectos positivos que os levam à permanência escolar, apesar do contexto de vulnerabilidade social em que vivem.

Por que não falar de permanência?

Durante muito tempo, os dados educacionais eram analisados e discutidos sobre viés da evasão, focando nos motivos da saída de jovens da escola. Em nossa revisão preliminar encontramos diversas pesquisas em que analisaram a evasão e o fracasso escolar. O volume de pesquisa sobre evasão/abandono também foi notado por Carmo e Carmo (2014) e Carmo et al (2018) e o baixo número de pesquisas em permanência também foi evidenciado por Carmo e Carmo (2014), Carmo et al. (2017), Carmo et al. (2018), Oliveira e Oliveira (2015), Oliveira (2018), Paes (2019) e Marques e Henrique (2019).

Paes (2019) lembra que a evasão/abandono é insistentemente posta pelas políticas públicas e estudos em ciências sociais e humanas como objeto, e carece de pesquisa que colocam como objeto a compreensão do fenômeno da permanência, “(...) no sentido em que, considerando os muitos que se vão, muitos ficam, permanecem, insistem em seus percursos” (PAES, 2019, p. 28). Coelho (2014) comenta que as razões e motivações para o abandono/evasão são multifatoriais, e afirma que

(...) é importante que os pontos de vista dos diferentes segmentos envolvidos sejam considerados, razão pela qual se propõe levar em conta o olhar não só do aluno desistente, mas também daquele que permaneceu na escola, assim como o contexto político e social em que se inserem as escolas e os trabalhadores estudantes. (COELHO, 2014, p. 20)

Carmo et al. (2020) observaram em sua revisão bibliográfica que, a princípio, as pesquisas sobre permanência pareciam querer romper com os sentidos dos estudos sobre a evasão, tendo a necessidade de pesquisar algo diferente ou contrário aos estudos já existentes, buscaram uma perspectiva mais otimista, interessante e diferente sobre os resultados das investigações em que os resultados acabavam indicando numa mesma direção, mas que pouco ajudavam para encontrar alternativas para solucionar o problema da



evasão. Saber os motivos por que desistem não necessariamente ajuda a resolver esse problema, pois em geral, são questões que estão para além dos muros escolares. Neste sentido, os estudos de Carmo e Carmo (2014), Cardoso (2016), Coelho (2014), e Paes (2019) nos inspiraram a tratar do processo evasão-permanência sob a ótica do segundo.

Sem dúvida, pesquisar sobre permanência não é a mesma coisa que evasão. Neste sentido, concordamos com os autores de que discutir a permanência é diferente do que discutir a evasão pois

(...) o discurso circulante sobre a evasão não a explica, mas, pelo contrário, a reforça, vinculando recursivamente os baixos resultados da modalidade, principalmente, ao desinteresse dos jovens ou ao cansaço e necessidade do trabalho. (CARMO & CARMO, 2014, p. 3)

Guimarães (2017) lembra que resolver os problemas de evasão, nem sempre levam os alunos a persistirem, assim como Paes (2019) afirma que pensar a permanência dos alunos não gera ações iguais a quando se analisa pela ótica da evasão. Rajewski (2016) comenta que entender por que os jovens saem da escola é fundamental, mas o motivo de estar nela é bem mais significativo. Carmo e Carmo (2014) discutem que formular estudos em torno do tema permanência, de alguma maneira traz a discussão para uma perspectiva mais coletiva, tendo em vista os discursos circulantes sobre evasão costumam de uma forma ou de outra culpabilizar o aluno. Já Coelho (2014), comenta que falar sobre abandono e permanência é discutir sobre direitos garantidos constitucionalmente e que, no caso do abandono, não estão sendo assegurados, e complementa:

Para tanto é necessário expandir o diálogo no cotidiano escolar e no espaço acadêmico, para que o abandono não seja naturalizado e possam ser pensadas práticas escolares e políticas públicas que favoreçam a permanência escolar. (COELHO, 2014, p.44)

Portanto, diante de um cenário em que se produz mais conhecimento sobre evasão atrelada às condições dos jovens de baixa renda que atravessam diversos fatores em termos socioeconômicos, o objetivo deste trabalho é elucidar os motivos que envolvem a permanência escolar de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública do Rio de Janeiro a partir de sua trajetória escolar.

Metodologia

Este trabalho possui uma abordagem qualitativa com o a intenção de explorar as questões acerca da permanência escolar. A pesquisa foi realizada em uma escola da região metropolitana do Rio de Janeiro localizada em um bairro periférico de Nova Iguaçu. A região



do bairro possui um IDH 0,69; IDH educacional 0,62; renda per capita média de R\$ 502,49; índice GINI de desigualdade é 0,43; 88,24% possuem banheiro com água encanada e 99.19% possuem luz (ATLAS BRASIL, 2010), índices que nos possibilita identificá-lo como passível de gerar condições de vulnerabilidade para sua população.

A escola é grande, com 941 matrículas, sendo 477 de Ensino Médio – dados de 2019¹. No Ensino Médio, a maioria das matrículas se concentra no primeiro ano com 215 alunos, 156 no segundo ano e 106 no terceiro ano, ou seja, as matrículas vão diminuindo ao longo dos anos. A escola possui uma boa infraestrutura física e foi reformada em 2018. Em termos de estratégia para permanência, a escola possui o RAF – Reunião de Acompanhamento de Frequência, que é uma instância que busca zelar pela frequência escolar. Não foi citado nenhum outro programa, ação, atividade ou parceria na entrevista com a gestão da escola. O único auxílio financeiro para as famílias daqueles jovens era o Bolsa Família (atual Auxílio Brasil).

Como etapa inicial da pesquisa, foi aplicado um questionário estruturado fechado com o objetivo de investigar a trajetória e vislumbrar a permanência escolar. O questionário foi construído baseado em pesquisas da área como a de Carmo e Carmo (2014), Rajewski (2016), Pereira e Lopes (2016), Dayrell e Jesus (2016) e Abramovay (2015), Coelho (2014) e Costa (2020) e dados do CENSO escolar do Rio de Janeiro (INEP, 2020b) e PNAD (IBGE, 2020). Este instrumento possuía ainda perguntas para traçar o perfil dos alunos, além de tratar de questões sociais, familiares, sobre trajetória escolar, questões pedagógicas e sobre trabalho e futuro. As perguntas eram com respostas fechadas nas quais o participante deveria marcar a opção que lhe fizesse mais sentido, opções estas retiradas das pesquisas anteriormente citadas inspiradas em motivos para evasão, desistência, estímulos e permanência. As perguntas apresentavam uma linguagem bem simples e adaptada ao vocabulário juvenil, para facilitar a compreensão.

Como os dados foram coletados em 2021 e algumas aulas ainda aconteciam remotamente, o questionário foi aplicado de forma on-line a partir do GoogleForms e enviado para os alunos do Ensino Médio da escola pelos grupos de aplicativo de mensagem (Whatsapp), pois era o melhor meio de comunicação durante a pandemia. Ao todo 115 alunos responderam ao formulário, correspondendo a 24% dos alunos do Ensino Médio daquele ano escolar. Os dados foram organizados no programa Excell e analisados pelo programa Sphinx Léxica.

¹ Utilizamos dados de 2019, pois os dados de 2020 foram prejudicados pela pandemia de COVID-19.



Resultados

De acordo com as opções assinaladas pelos participantes, o perfil do grupo estudado se autoindicou como negro/a (67%); a maioria (82,5%) possui uma renda familiar baixa de até R\$ 2.000,00; 41% dos pais concluíram o Ensino Médio, porém, 54% não terminaram a educação básica, dado semelhante ao nível brasileiro citado anteriormente. Quanto à profissão, 20% dos pais são autônomos, seguido por dona(o) de casa (20%), com atividades de manutenção (16,5%), desempregado (15%), profissões técnicas (12%), auxiliar industrial (10%) e apenas 6% possuía profissão de ensino superior.

A maioria dos alunos mora perto da escola (64,5%), 12% afirmaram não ter rede de esgoto na rua e 11% que a rua não era asfaltada. O bairro possui unidade de saúde (81% assinalaram essa opção), comércio e lojas (69%), bares e restaurante (62%) e praça (38,5%), outras de opções de lazer foram menos sinalizadas como parque (9,5%), cinema/teatro (5%), eventos de músicas (5%), centro de artes (4,5%).

Sobre violência, 48,7% não consideram o bairro violento, 48,7% assinalaram que o bairro tem alguns episódios de violência e apenas 2,6% consideraram o bairro violento. Quando perguntados sobre o que achavam do bairro, apenas 15% consideraram o bairro ruim.

Os jovens respondentes aparentemente moram em um bairro pobre, porém relativamente estruturado e com alguns episódios de violência. Impressiona que ainda 12% não tenham rede de esgoto adequada, enquanto este quesito deveria ser universal.

Os dados apresentados sobre a situação socioeconômica dos alunos lembram alguns quesitos apresentados por Figueiredo (2016) quando discutia vulnerabilidade social, pois assim como observou, alguns dos alunos não possuem rede de saneamento adequada, o que pode gerar alta prevalência de doenças infectocontagiosas, infecto-parasitárias e infecto-virais. Interessante observar que, de acordo com a percepção dos jovens, o bairro não é violento, porém são de famílias com perfil, conforme apontado por Figueiredo (2016), de probabilidade de viverem em condições de vulnerabilidade social devido à alta taxa de desemprego, com o percentual sem carteira de previdência ou no mercado informal e com baixo valor dos salários.

Ao refletir sobre as questões apresentadas e a permanência escolar, entendemos que são processos complexos que devem ser investigados para além de questões sociais, pedagógicas e familiares, sendo necessário mergulhar no universo da trajetória escolar.



Ao perguntarmos sobre reprovação 56,5% nunca reprovaram. Dos que reprovaram, 33% indicaram que foi por ter dificuldade nos conteúdos, outros 12% por precisar trabalhar, 10% por 'Outros' motivos. Dez por cento reprovou por problemas familiares, seguido por 6% que reprovaram por problemas psicológicos, e o mesmo contingente por gravidez e 4% 'porque a escola era longe de casa'; 4% porque ficou doente, porque não gosta de estudar e porque se mudou. Finalizando, com 2% de respostas cada, os alunos reprovaram 'para cuidar de tarefas domésticas', 'por causa de problemas na comunidade' e 'por causa de problemas na escola'.

Também perguntamos em relação ao estudo e 81% assinalaram que gosta de estudar, apenas 55% estudam após a aula, sendo que 37% não possui um local para estudar com tranquilidade, o que pode estar relacionado às condições de moradia.

A distorção idade-série chega a 26% dos respondentes, no Brasil este número representa 30,7% dos estudantes (IBGE, 2020). Entre os motivos para não estar na escola em algum período da vida (Quadro 1), 17% porque precisou trabalhar, 15% porque engravidou, 12% por problemas familiares, 10% porque teve dificuldade nos conteúdos, 7% por problemas psicológicos e 7% porque ficou doente, 5% porque a escola ficou muito longe de casa e 5% porque a família se mudou. Somente 2,5% foi por 'problemas na escola' e apenas 2,5% assinalaram 'porque não quis mais estudar' (Quadro 1). A literatura indicava a falta de interesse como um dos maiores motivos para os jovens ficarem fora da escola (IBGE, 2020; DAYRELL & JESUS, 2016; ABRAMOVAY, 2015), porém neste grupo o percentual foi baixo, 2,5%, não sendo o maior motivo para ficarem fora da escola em algum período da vida.

Como citado anteriormente, os motivos para o abandono/evasão são diversos, Dayrell (2007) e Dayrell e Jesus (2016) comentam que o trabalho é uma das dimensões de suas vidas, seja por necessidade de sustento familiar ou por desejo de aquisição de bens, representado em nossa pesquisa como maior motivo para ter ficado fora da escola. Desse grupo, dois motivos também bastante citados foram 'gravidez' e 'problemas familiares', o que corrobora os estudos de Figueiredo (2016) em relação aos fatores de vulnerabilidade social, demonstrando que os percalços que a vida destes jovens atravessa influenciam em sua vida escolar.

Para compreender o que pensam sobre a escola, com o entendimento de que a percepção que possuem da instituição onde estudam pode influenciar sua escolha/condição, foram perguntados alguns aspectos sobre o tema. O corpo docente teve uma excelente avaliação, pois apenas 1% considerou os professores ruins e somente 2,6% assinalaram



a opção que considerava as aulas ruins, o restante considera ‘razoáveis’, ‘boas’ ou ‘ótimas’. Quanto à estrutura física da escola, 3,5% concordaram com a opção ‘ruim’, enquanto 96,5% consideraram ótima ou boa, esse dado provavelmente tem relação com a reforma que a escola teve recentemente, a escola está em ótimo estado, com paredes pintadas, ares-condicionados novos, janelas limpas, banheiros reformados, sendo percebidas pelos alunos estas condições.

Quando perguntados o que **mais gostam**, as quatro primeiras opções foram os colegas (24%), as atividades extras (12%), os professores (11%) e outros (11%). Já em relação ao que **menos gostam**, as quatro primeiras opções foram: ‘Outros’ (38%), também os colegas (10,5%), **didática das aulas (9,5%)** e organização da escola (9,5%).

A porcentagem de ‘não gostarem da didática da aula’ contrasta com os 91,4% que assinalaram que consideravam as aulas de ‘boa’ a ‘muito boa’, nos indicando que a questão pedagógica não necessariamente está relacionada com os docentes, mas talvez com a estrutura organizacional (tempos escolares) ou com a dinâmica curricular. Esse aspecto pode ser analisado também quando associado à resposta quando perguntados “qual o principal **aspecto que poderia melhorar na escola**”, sendo a primeira opção ‘atividades diferenciadas’ (23,5%), seguida por ‘salas tecnológicas, de artes e ciências’ (16,5%), ‘mais intervalos’ (8%), liberdade (7%), atividades de lazer (5%), conteúdo adequado à realidade (4,3%), horário menos rígido (4,3%), poder escolher o conteúdo (4,3%), professores estimulantes (4,3%), acolhimento (3,5%), disciplina e controle (2,5%), boa estrutura física (1,5%) e estrutura de esporte (1%).

Desse modo, compreender o que pode estimulá-los ou desestimulá-los também se mostra interessante para compreender a permanência. Quando perguntado **o que mais os desestimula a estudar**, a categoria ‘Outros’ apareceu em primeiro lugar com 28% das respostas, demonstrando existir outras questões além das identificadas pela literatura estudada. O segundo lugar está relacionado a questões pedagógicas ou de acesso aos bens culturais, pois 23,5% assinalaram que o mais desestimula é a ‘dificuldade de compreender os conteúdos’. Isso nos indica que a dificuldade de aprendizagem é um tema que deve ser mais bem compreendido, pois pode estar relacionado às dimensões coletivas com reflexo no cognitivo, como já demonstrado pelas pesquisas de base sociocognitivistas (Vygotsky, Leontiev e seus discípulos).

Porém, também foi apontado que a ‘didática/estilo das aulas’ (10%) também era um fator desestimulante a estudar, o que corrobora com o dado do que poderia melhorar na escola, onde assinalaram atividades diferenciadas.



Ainda em relação ao espaço escolar, apareceram em percentuais pequenos os colegas (5%), a 'organização da escola' e seus 'responsáveis' (3,5%), 2,5% acham que é a 'disciplina e o controle', 1% 'acha que a escola não acrescenta na sua vida' e a mesma quantidade acha desestimulantes 'os professores'.

Quanto aos aspectos externos a escola, 6% se sentem desestimulados a estudar 'por falta de perspectiva de futuro', também por conta do trabalho (6%), vontade de fazer outra coisa (5%), e 4% pela 'situação da sociedade'.

Essa pesquisa foi feita com alunos permanentes na escola, portanto, não caberia perguntar sobre por que desistiu, portanto, a pergunta foi 'Você já pensou em desistir da escola?' e 'Por qual motivo pensou em desistir?' Como respostas, encontramos que 64,5% nunca pensaram em desistir (Quadro 1), o que se mostra um dado interessante em relação a esse grupo frente às taxas de evasão e também da quantidade de pessoas que ficam fora da escola por algum período. Entre os 35,5% que pensou em desistir as respostas foram variadas. Os dois principais motivos foram 'por causa do trabalho' (22%) e 'por falta de interesse' (22%), o que corrobora os estudos sobre evasão.

Outros 12% assinalaram 'dificuldade no conteúdo', 10% assinalaram pensar em desistir por causa de gravidez. Respostas relacionadas à dificuldade de aprendizagem também foram observadas anteriormente como um dos principais motivos para desestímulo em estudar, o trabalho e gravidez foram alguns dos principais motivos para estar fora da escola em algum período da vida. Além disso, também 7,5% dos alunos assinalaram que pensaram em desistir 'por causa de tarefas domésticas' e 5% por causa de 'problemas de saúde' e 5% 'problemas familiares'; com menores porcentagens 2,5% assinalaram que pensou em desistir por 'interesse em outras atividades' e porque 'não gosta da escola'.

Quanto ao que mais estimula a continuar estudando, dados mais centrais para este trabalho, encontramos os seguintes resultados (Quadro 2): 34% acham que o que mais os estimula é a **perspectiva de futuro**, 16% acha que é 'a importância da escola para vida', 15% assinalaram que se sentem estimulados pelos 'responsáveis', pelos 'professores' correspondem a 9,5%. Outros itens, tais como: atividades diferentes/extras, didática/estilo da aula, (4,5%), a organização da escola (3,5%), o trabalho (2,5%), e apenas 2% assinalaram 'a situação da sociedade'.

Para uma visualização dessas respostas, construímos a Tabela 1 seguir.



Tabela 1. Motivações apresentadas pelos alunos e sua relação com estímulo e desestímulo.

Motivação para estudar	Estímulo	Desestímulo
Perspectiva de futuro	34%	
Importância da escola para vida	15%	
Responsáveis	15%	
Dificuldade de compreender os conteúdos		23,5%
Didática/estilo das aulas		10%

Os dados de estímulo e desestímulo representam aspectos distintos do processo educativo: a motivação para permanecer tende a estar mais relacionada com uma perspectiva futura (externas à escola) e os desestímulos para questões internas a escola.

Interessantes esses dados quando analisados frente à afirmação de Paes (2019) de que a evasão (sair) não é a imagem espelhada da permanência (ficar). Na sua visão, uma questão seria entender por que os alunos saem das instituições; outra muito diferente seria compreender o que as instituições podem fazer para auxiliar os alunos a ficarem e alcançarem sucesso. Pelos dados acima, uma forte indicação seria relacionada à dimensão pedagógica, sem, com isso, querer reforçar uma ideia de que a responsabilidade pela evasão-permanência seja de responsabilidade unicamente do corpo docente. Porém, não podemos deixar de considerar esses dados encontrados nesse grupo numa escola de bairro pobre e periférico da cidade do Rio de Janeiro.

Buscando nosso maior interesse perguntamos '**Qual o principal motivo que te faz permanecer na escola?**', (Quadro 2) 29% das respostas foram porque entende que a escola lhe dá uma '**perspectiva de futuro**', 24,5% complementam porque '**acha escola importante para a vida**'. Isso reforça as respostas em relação aos estímulos a continuar estudando.

Nesta mesma direção, o terceiro e quarto motivo para permanecer são '**ter um bom trabalho**' (13%) e '**fazer faculdade**' (12%). Sendo assim, os principais motivos para permanecer estão relacionados ao futuro e ao trabalho. Dayrell e Jesus (2016), Pereira e Lopes (2016) e Abramovay (2015) também encontraram perspectiva de futuro como maior motivação para permanecer na escola.

Os demais motivos para a permanência são: gosta de estudar (5%), as aulas (4,5%), os colegas (2,5%), os responsáveis obrigam (2,5%), o lanche (1,7%), os professores (1,7%), outros (1,7%), por causa de atividades extras (1%) e por causa de políticas sociais (bolsa família) (1%). Destaca-se que, diferentemente das perguntas de desistência e desestímulo, a categoria 'Outros' teve valor baixo quando se pergunta por que permanece e o que mais os estimula, indicando que eles possuem maior clareza em relação ao que os fazem ficar.



De antemão, a literatura estudada já havia indicado que a perspectiva de futuro era um dos fatores mais indicados em outros contextos. Neste sentido, perguntamos outras questões relacionadas a esse futuro. Quando perguntados se achavam que a vida seria melhor no futuro do que agora, 73% assinalaram que achavam que sim, 25% assinalaram que não saberiam avaliar e 2% responderam que não. Ainda pensando nesta perspectiva de futuro, foram perguntados o que mais desejavam para daqui a 5 anos. Do grupo, 35,5% assinalaram que desejavam ‘sustentar a si e a sua família’, 22,5% assinalaram ‘ter seu próprio negócio/empreendedor’, 18,5% deseja ‘trabalhar de carteira assinada’, 17,5% assinalaram ‘fazer faculdade’; ‘mudar de bairro/cidade’ e ‘se distanciar da família’ corresponderam a 2,5% das respostas e 1% assinalou ‘casar e ter filhos’.

Dayrell e Jesus (2016) comentam que a escola parece um “adiamento de recompensas”² onde permanecer nela é um investimento para o futuro, o que justificaria no presente “suportar”³ sua estrutura e frequentar as aulas com a esperança de um futuro melhor como recompensa de ter permanecido. O autor também relembra que esse discurso é muito falado pelos pais, mas também enunciado pelos professores, reforçando essa promessa de futuro

(...) reduzindo a sua função à dimensão da certificação e conseqüente inserção no mercado de trabalho, quase sempre vistas de forma mecânica, linear. Como já afirmamos, imersos nessa compreensão, os jovens apresentam dificuldades de elaborar um sentido para a frequência escolar no presente. (DAYRELL & JESUS, 2016, p. 416)

Atribuir sentidos e motivos para permanência tem motivações diferentes dos motivos para abandono e desistência, que se diferenciam em promessa de futuro e questões pessoais e pedagógicas, respectivamente.

Esses resultados reforçam a necessidade de aprofundar a discussão empreendida pelo grupo de pesquisa NUCLEAPE (CARMO et al, 2018) quanto a hipótese que existe diferença epistemológica significativa entre a abordagem da permanência escolar e a que toma a evasão como objeto de pesquisa, afirmando que existe um confronto epistêmico quando se pergunta “o que faz sair” e “o que faz ficar”. Coelho (2014) comenta diversas vezes que focar em abandono reforça a culpabilização do aluno e retira da escola a responsabilidade. Paes (2019) reforça que os estudos de permanência podem abrir possibilidade para novas políticas de permanência escolar e garantia de direitos. Porém, nos parece que essa questão se reveste de complexidade maior quando se relaciona ao mesmo tempo com a dimensão didático-pedagógica. Isso abre um campo de debates em torno, inclusive, dos processos de formação de professores que estão sendo realizados no país, sem falar de outros tantos aspectos que poderíamos elencar aqui: condições de trabalho docente *versus* qualidade do trabalho docente, aspectos subjetivos da ação docente *versus* aspectos subjetivos dos discentes etc.

² Expressão dos autores

³ Expressão dos autores



Quadro 1. Dados sobre 'principal motivo para estar fora da escola' comparando com 'por qual motivo pensou em desistir da escola'.

Qual foi o principal motivo para ficar fora da escola	Freq.	%	Por qual motivo você pensou em desistir?	Freq.	%
Não ficou fora da escola	74	64,3%	Não pensou em desistir	74	64,3%
Entre os que saíram	41	35,7%	Entre os que pensaram em desistir	41	35,7%
Outros	7	17%	Outros	5	12,2%
Porque precisou trabalhar	7	17%	Por causa do trabalho	9	22,0%
Porque engravidou	6	14,5%	Porque engravidou	4	10%
Por causa de problemas familiares	5	12,2%	Por causa de problemas familiares	2	4,9%
Porque teve dificuldade nos conteúdos	4	10%	Porque teve dificuldade no conteúdo	5	12,2%
Por causa de problemas psicológicos	3	7,3%	Por falta de interesse	9	22,0%
Porque ficou doente	3	7,3%	Por causa de problemas de saúde	2	4,9%
Porque a escola era muito longe de casa	2	4,9%	Por interesse em outras atividades	1	2,4%
Porque a família se mudou	2	4,9%	Para cuidar das tarefas domésticas	3	7,3%
Por causa de problemas na escola	1	2,4%	Porque não gosta de como a escola é, e não gosta das aulas	1	2,4%
Porque não quis mais estudar	1	2,4%			
Total obs.	41	100,0%	Total obs.	41	100,0%
Total obs.	115	100,0%	Total obs.	115	100,0%

Obs.: Dados em negrito correspondem aos maiores valores encontrados

Quadro 2. Dados sobre o 'principal motivo para permanecer na escola' comparados com 'o que mais estimula a estudar'.

Por qual o PRINCIPAL motivo que te faz permanecer na escola	Freq.	%	O que MAIS te estimula a estudar?	Freq.	%
Perspectiva de futuro	33	28,7%	Perspectiva de futuro	39	33,9%
Acha escola importante para vida	28	24,3%	Acha a escola importante para vida	18	15,7%
Ter um bom trabalho	15	13,0%	O trabalho	3	2,6%
Para fazer faculdade	14	12,2%	Outros cursos e atividades	3	2,6%
Gosta de estudar	6	5,2%			
As aulas	5	4,3%	O estilo/didática das aulas	5	4,3%
Os colegas	3	2,6%	Os colegas	3	2,6%
Seus responsáveis te obrigam	3	2,6%	Seus responsáveis	17	14,8%
O lanche	2	1,7%	A organização da escola	4	3,5%
Os professores	2	1,7%	Os professores	11	9,6%
Outros	2	1,7%	Outros	5	4,3%
Por causa das atividades diferentes/extra	1	0,9%	As atividades diferentes/extra da escola	5	4,3%
Por causa de políticas sociais (ex. bolsa família)	1	0,9%	A situação da sociedade	2	1,7%
Total obs.	115	100,0%	Total obs.	115	100,0%

Obs.: Dados em negrito correspondem aos maiores valores encontrados



Considerações Finais

Ao buscar compreender os dados coletados sobre a trajetória escolar, em que procuramos identificar aspectos que levam a ficar ou a sair da escola, observamos que os principais motivos estão relacionados às dimensões diferentes do processo educacional. Esmiuçar cada pergunta com várias possibilidades de resposta nos faz perceber que a vida escolar dos estudantes de baixa renda de escola pública envolve diversos fatores que os fazem precisar sair da escola, retornar, pensar em desistir e permanecer.

Quando perguntados sobre o que os estimula a estudar, a perspectiva de futuro apareceu em primeiro lugar, assim como achar que a escola é importante para vida, mostrando que o estímulo não vem de questões ligadas à escola, mas atrelada a um futuro melhor, relacionado a um trabalho e a garantia de ganho financeiro, aspecto que pode estar relacionado tanto aos princípios familiares em compreender e estimular nos seus filhos que a escola é um lugar importante, quanto da fala dos docentes sobre o futuro. Isso nos dá grande indicativo porque permanecem, apesar dos motivos para desistência e evasão.

Este estudo reforça a importância de observar a trajetória escolar pelo viés da permanência, focando naqueles que permanecem, pois, como observado, os motivos que levam à evasão são múltiplos e relacionados não somente à escola, mas principalmente a questões que cercam a vida da população mais pobre. Enquanto os maiores motivos para permanência escolar são a ‘perspectiva de futuro e trabalho’, e entender que a ‘escola é importante para vida’, como uma chance de sair deste ciclo ligado a condição de vulnerabilidade, que se transforma em tendência à evasão. Apesar do desestímulo em não conseguir aprender, em não gostar da didática das aulas, permanecem, apesar de pensar em desistir por trabalho, gravidez e problemas familiares, permanecem, pois têm a esperança de que estudar lhes garantirá um futuro e uma vida melhor.

Portanto, avaliar as pesquisas a partir da permanência escolar se faz necessário e merece maior exploração, pois é importante compreender os fatores que podem influenciar essa permanência. Olhar para a permanência é tratar de uma virada epistemológica que traz a responsabilidade para um senso coletivo, repensa a garantia de direitos e envolve novos projetos de políticas públicas para que os alunos de baixa renda possam permanecer.



Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventudes na escola, sentidos e buscas: Por que frequentam?** Brasília-DF: Flacso - Brasil, OEI, MEC, 2015. 346p.

ATLAS BRASIL. <http://www.atlasbrasil.org.br/consulta/map> 2010. Acessado em 18 de Março de 2022.

CARDOSO, Vanda Figueiredo. **Permanência escolar no PROEJA: olhares dos estudantes do curso técnico em cozinha.** 2016. 139p. Dissertação. (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2016.

CARMO, Gerson Tavares & CARMO, Cíntia Tavares. A permanência escolar na Educação de Jovens e Adultos: proposta de categorização discursiva a partir das pesquisas de 1998 a 2012 no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 22, 2014 <http://dx.doi.org/10.14507/epaa.v22n63>. 2014

CARMO, Gerson Tavares; EMERICK OLIVEIRA, Gleice; ALMEIDA, Georgia Maria Mangueira de. Da inquietação sobre a abissal diferença quantitativa entre as publicações sobre a permanência e a evasão escolar. **Anais VIII SITRE - Simpósio Internacional Trabalho, Relações de Trabalho, Educação e Identidade**, 2020.

CARMO, Gerson Tavares; MANHÃES, Elaine Kreile; COLA, Maria Luiza Terra. Pistas sobre a permanência estudantil como virada epistemológica: iniciativas de um núcleo de pesquisa por uma sociologia da permanência na educação a partir de Vincent Tinto. **[SYN] THESIS**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 54-63, jan./jun. 2018.

CARMO, Gerson Tavares; REIS, Dyane Brito; MANGUEIRA, Georgia. Educação de Jovens e Adultos na contramão da evasão: o enigma da permanência escolar. **Cátedra Digital**, v. 3, p. 1-8, 2017.

CIMERI, Fabiana; BORGES, Narayanna. Jovens negros têm três vezes mais chances de serem mortos pela polícia no Rio, segundo dados do ISP. **G1 – Globo.com**, 2021. Acessado em 15 de março de 2022. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/06/18/jovens-negros-tem-tres-vezes-mais-chances-de-serem-mortos-pela-policia-no-rio-segundo-dados-do-isp.ghtml>

COELHO, Alexsandra Joelma dal Pizzol. **Permanência e abandono escolar na educação profissional: um estudo sobre Instituições Federais de Joinville e Jaraguá do Sul.** 2014. 227p. Dissertação. (Mestre em Tecnologia) Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2014

COSTA, Denise Pires de Oliveira. **Educação profissional e tecnológica: avaliação do ensino como instrumento de gestão para a permanência escolar.** 2020. 213p. Dissertação (Mestra em Educação Profissional e Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, *Campus Olinda*, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco. 2020.



DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola faz as juventudes? : Reflexões em torno da socialização juvenil, **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, 2007, p. 1105-1128

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Edinilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 37, nº. 135, p.407-423, abr.-jun, 2016

FIGUEIREDO, Gustavo de Oliveira. Los jóvenes en favelas de Rio de Janeiro, Brasil: de La vulnerabilidad social a las oportunidades para el desarrollo humano. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21: p. 2437-2450, 2016. DOI: 10.1590/1413-81232015218.01622015

FRAGA, Aline dos Santos. **O que te faz continuar? Fatores de permanência na Educação de Jovens e Adultos**. 2020. 97p. Dissertação (Mestre em Gestão Educacional). Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. 2020.

GUIMARÃES, Shirley Mirone Martins. **Permanência discente: gestão da ead no instituto federal do norte de minas gerais – estudo de caso**. 2017. 230p. Dissertação (Mestre em Gestão Pública). Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública, Universidade de Brasília. 2017.

INEP. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da educação superior 2015**. Brasília, DF: INEP, 2016. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 07 out. 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira : 2020** / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2020.148 p. https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8b9eafcfed9d8742b0a8eaa5fce7ae94.pdf acessado em 13 de setembro de 2020

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.(INEP) **Censo da Educação Básica 2019** [recurso eletrônico].Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais AnísioTeixeira, 2020a. 94p.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.(INEP) **Resumo Técnico: Censo da Educação Básica Estadual 2019** [recurso eletrônico].Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais AnísioTeixeira, 2020b. 86p.

LENSKIJ, Tatiana. **Direito à permanência na escola: a lei, as políticas públicas e as práticas escolares**. 2006. 180p. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006

MARQUES, Waleska Barroso dos Santos Kramer. HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmiento. Fatores de permanência escolar: entre o estado da arte e a revisão bibliográfica. **Anais VI Congresso Nacional de Educação**. 2019.

OLIVEIRA, Gleice Emerick. OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. A permanência escolar e suas relações com a política de assistência estudantil. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 3, p. 198-215, 2015



OLIVEIRA, Isaura Francisco de. **Permanência escolar: desafios na educação de pessoas jovens e adultas**. 2018. 161p. Dissertação (Mestre em Educação de Jovens e Adultos). Programa de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, *Campus I*, Universidade do Estado da Bahia – UNEB. 2018

PAES, Rhena Schuler da Silva Zacarias. **Retratos sociológicos: do fracasso iminente à permanência e êxito escolar**. 2019. 148p. Dissertação (Mestra em Sociologia Política). Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual Norte Fluminense. 2019.

PEREIRA, Beatriz Prado; LOPES, Roseli Esquerdo. Por que ir à escola? Os sentidos atribuídos pelos jovens do ensino médio. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1 194, p. 193-216, jan./mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623655950>

RAJEWSKI, Cristiane Mara. **A permanência escolar nos anos finais do ensino fundamental e médio: os programas fica e combate ao abandono escolar do estado do Paraná**. 2016. 182p. Dissertação (Mestre em Educação). Programa de Pós-graduação Strictu sensu em Educação, UEOP, 2016

RODRIGUES, José Renato Sousa. **Permanência Escolar: o caso da infrequência discente na Escola de Ensino Médio Luzia Araújo Barros em Itarema – Ceará**. 2020. 106p. Dissertação (Mestre em Gestão e Avaliação da Educação Pública). Programa de Pós-Graduação Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública, Universidade Federal de Juiz de Fora. 2020.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (SEEDUC). **SEEDUC em números. 2020**. <https://www.seeduc.rj.gov.br/mais/seeduc-em-n%C3%BAmoros> acessado em 13 de março de 2022.

SIMÕES, Manoel Ricardo. **Desigualdade e violência na Metrópole Carioca**. Mesquita: Editora Entorno, 2021

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; SILVA, Fernanda Arantes e. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 44, e170308, 2018. : <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-4634201712170308>

TOMASI, Livia di. Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade. pragMATIZES - **Revista Latino Americana de Estudos em Cultura**. Ano 3, número 4, semestral, março 2013

TOMMASI, Livia di.; VELAZCO, Dafne. O governo dos jovens e as favelas cariocas. Dilemas: **Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, p. 531-556, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/dilemas/article/view/7737/6968>>.

Recebido em: 21/10/2022

Aceito em: 19/12/2022